

O carnaval

Areal da Baronesa e seus becos

Então o nosso Areal da Baronesa tinha uns becos tenebrosos e por lá se perdia a mais excelsa malandragem da nossa cidadezinha adormecida. Malandragem, cachaça e forrobodó de cuia [...]

Havia um tal de Beco do Preto, que alguns cronistas dizem que não era do Preto, mas da Preta... E nesse pedaço do mundo, o mundo se perdia! E daí por diante, noite e dia, e dia e noite, o estado normal do Areal era a desordem e o deboche! [...]

E daí em diante, nem de dia e nem de noite, ninguém que tivesse amor ao pêlo se atrevia cruzar a ponte e passar pelos domínios da famigerada e barulhenta Banda Oriental. [...]

E não pensem que eu estou contando lorota!

Pois bem que você pode largar esta crônica e ir já, lá pela rua Baronesa do Gravataí e percorrer tranquilamente, de mão no bolso, se puder, aquelas travessas que lá ainda existem e que são verdadeiras vielas: - a Pesqueiro, a Luiz Guaragna e a avenida Félix! Vá... vá e depois me diga!

Esses logradouros públicos são saldos da velha Banda Oriental, no tempo em que o Beco da Preta era a suprema canhada do frege citadino.

Essa Banda Oriental foi célebre e ela só perdeu o seu quebranto de zona inexpugnável depois que aterraram o Riachinho da rua da Margem e então tudo ficou devasso e se pode entrar por qualquer lado.

Mas, antes disso, nem o diabo tinha licença de pisar lá! [...] Agora o Areal está se integrando no dinamismo da cidade e já tem ares de zona de bem! Pois há muito deixou de ser famigerado para ser famoso.

Ary da Veiga Sanhudo
Porto Alegre. Crônicas da Minha Cidade. Vol. 2.
Editora Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1975











